

A formação de professores de Química pela Educação Ambiental crítica: uma proposta da UEG na emancipação dos sujeitos

Alessandro Silva de Oliveira¹ (PQ) alchemistry@bol.com.br.

1-Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Palavras-Chave: educação ambiental, formação de professores, ensino de química.

Introdução

O termo Educação ambiental (EA) surgiu no contexto internacional em 1972 quando da reunião da Conferência das Nações Unidas, realizada em Estocolmo, cujas discussões se concentravam no tema Educação e na perspectiva “Homem e seu Meio Ambiente”¹. No entanto, foram nas conferências realizadas em Belgrado (1975) e principalmente na conferência realizada em Tbilisi (1977), que a EA configurou-se de forma mais clara no contexto internacional. No Brasil, enquanto prática educativa configurou-se, diferentemente de outras pedagogias². Em sua maior parte, surge relacionada com diversos espaços como em unidades de conservação, processos de licenciamento, movimentos sociais, escolas, empresas, órgãos governamentais, unidades de visitação, dentre outros, pelo diálogo entre a Educação Popular e a Educação Ambiental³. Assim, no Brasil a EA apresenta uma característica bastante complexa e diversificada, permitindo múltiplas abordagens. Daí, as classificações e modalidades de EA caracterizadas pela Alfabetização Ecológica, Ecopedagogia, EA Crítica, EA Transformadora ou Emancipatória, Educação no processo de Gestão, dentre outras, que trazem diferentes tipos de posicionamentos políticos-pedagógicos em cada abordagem. Com isso, pode-se afirmar que no contexto ambiental há uma atenção presente na curiosidade ou interesse de boa parte das pessoas frente a muitas questões ambientais⁴. Assim, a representação de ambiente/meio ambiente, materializa comportamentos e comunicações entre os indivíduos, em relação a muitos aspectos de degradação e sustentabilidade, podendo o professor possuir um papel fundamental nesses processos. Dessa forma, o trabalho aqui apresentado corresponde a uma perspectiva de formação de professores de química pela Educação ambiental crítica na Universidade Estadual de Goiás (UEG), pela constituição de espaços de formação de professores, que permitam uma aproximação da área de conhecimento da Química com a EA. Uma vez que, a questão ambiental surge de maneira geral reduzida e fragmentada nos cursos de licenciatura e considerando o papel do professor como formador de opinião, este trabalho corresponde a uma proposta de valorização das dimensões e importâncias da Educação Ambiental, na formação de professores críticos das questões socioambientais.

Resultados e Discussão

O projeto possui como fundamento principal, o desenvolvimento na educação escolar básica, de valores e posturas comprometidas com os interesses sociais coletivos e do meio ambiente. No entanto, o professor, deve ser consciente desse processo e formado pelo mesmo. Iniciado no ano de 2012, o projeto que terá duração de dois anos, encontra-se na primeira etapa, porém, já articulado pela discussão epistemológica das questões ambientais. Com isso, foi criado um grupo de estudos aberto aos interessados do Curso de licenciatura em química da UEG, no qual se discute as questões ambientais na perspectiva Crítica. A formação do Grupo pretende a discussão das questões de poluição e degradação de relevância local e planetária; visitação a ONGs e áreas de proteção ambiental, análise e desenvolvimento de materiais didáticos em química e EA, bem como o desenvolvimento de mini-projetos de EA na UEG. Encontramo-nos na etapa de leitura e discussão de referenciais da natureza do pensamento complexo⁵, iniciando nossa perspectiva de formação, fundamentada em alicerces que melhor contemplem as necessidades da realidade. Posteriormente avançaremos com a análise, visitação e elaboração de projetos. Com isso acreditamos na possibilidade de uma visão capaz de integrar o singular com a pluralidade das realidades na docência.

Conclusões

Considerando que o grupo constituiu-se de forma não obrigatória, considera-se grande o interesse pela participação dos mesmos. 60% dos calouros e 83% dos concluintes participam das discussões, com uma evasão de apenas 12%, desde o seu início. Apresentam dificuldades quanto à visão de ciências. No entanto, demonstram empenho para o entendimento das questões complexas da realidade.

Agradecimentos

Pró-reitoria de pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

1 UNESCO-BRASIL. Educação Ambiental: as grandes orientações da Conferência de Tbilisi. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1997. 154p.

2 LOUREIRO, Carlos Frederico Bernado. Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo: Cortez, 2004. 150p.

3 CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v.2, n.2, 2001.

4 SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 110p.

5. MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Trad de Eliane Lisboa. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 102p.